

RELIGIÃO COMO 'RE-LIGARE' NO PENSAMENTO DE SIMONE WEIL

Antonio Marcio Marques de Queiroz¹

QUEIROZ, Antonio Marcio Marques de. Religião como 're-ligare' no pensamento de Simone Weil. **Rhema**, Belo Horizonte, v. 14, ns. 45/46/47 (Edição Unificada 2008), p. 191-197. 2008.

Simone Weil nunca colocara Deus como um problema a ser resolvido; ao contrário, para ela este nunca foi um problema, pois sua vida sempre foi cristã no sentido que se pode dar a este termo como uma vida guiada para o amor, o Bem e a Verdade. “Se Deus não é um problema intelectual a ser demonstrado e não interessa mais ao homem afirmá-lo ou negá-lo, então pode-se chegar a Ele somente mediante a experiência fenomenológica de Alguém que se revela”.² Esta revelação não se trata de uma revelação do aparente ou de uma experiência psicológica arraigada na imaginação, mas se trata da revelação do ser em si. A mística é o grande contato amoroso que se pode estabelecer entre o Criador e a criatura.

1 Bacharel e Licenciado em Filosofia pelo CES/JF e ITASA. Graduando em Teologia por este mesmo Instituto.

2 NICOLA, Giulia Paola di, DANESE, Attilio. **Abismos e Ápicos – Percursos espirituais e místicos em Simone Weil**. Trad. Orlando Soares Moreira. São Paulo: Edições Loyola. 2003, p.128.

No contexto da mística secular weiliana, bem sabemos que Simone Weil permanecera fora da Igreja, ao lado daqueles que dela estavam fora, por uma questão de vocação³ como ela própria descrevia. Entretanto, sua experiência mística está profundamente enraizada numa vivência cristã, no sentido de que a mensagem cristã é universal porque deriva da própria Verdade que é o Cristo encarnado e do Bem que provém somente da experiência com o transcendente. É neste sentido que Simone Weil resgata aspectos importantes da religião como “re-ligare”, ou seja, como aquela que é capaz de ligar o homem a Deus e Deus ao homem neste contato amoroso que se chama mística.

Quando autênticos amigos de Deus – tal como foi, para o meu sentir, o mestre Eckhart – repetem as palavras que eles ouviram em segredo, no silêncio, durante a União de Amor, e elas estão em desacordo com o ensinamento da Igreja, é simplesmente porque a linguagem da praça pública não é a da câmara nupcial.⁴

Para Simone Weil há uma grande diferença entre o discurso da Igreja e o discurso dos místicos, enquanto o primeiro é a “linguagem da praça pública”, o segundo é o contato amoroso da “câmara nupcial”. Mas é justamente a experiência, o contato com essa Verdade que se experimenta com toda a alma que caracteriza o discurso místico⁵, posto que é uma linguagem que deriva do que se sentiu e não do que

3 Podemos falar também de uma atividade passiva ou ação não-agente: “(Para além dos deveres naturais). Jamais dar um passo além daquilo que se é irresistivelmente incentivado, dado que o próprio bem não é mais tal se não é realizado por obediência.” Idem, *Ibidem*, p.133.

4 WEIL, Simone. **Espera de Deus**. Trad. da editora. São Paulo: ECE editora, 1987, p. 60. A partir de agora citado como **ED**.

5 Simone Weil ressalta uma diferença entre o nível místico e o religioso-eclesial-doutrinal: “Os místicos aceitam o ensinamento da Igreja não como verdade, mas como alguma coisa por trás da qual se encontra a verdade.” NICOLA, Giulia Paola di, DANESE, Attilio. **Abismos e Ápicos – Percursos espirituais e místicos em Simone Weil**. Trad. Orlando Soares Moreira. São Paulo: Edições Loyola. 2003. p.155.

se apreendeu racionalmente ou por meio do discurso teológico. Com a plena consciência de quem tocou a luz da Verdade cristã, Simone Weil denuncia um certo apego que se possa ter em relação à Igreja como uma pátria terrena e aponta para uma pátria celeste que é o próprio Cristo habitando na alma. Tal apego é o que impede que a inteligência exerça seu papel de acolher a Verdade, pois ela estará sempre tendenciosa e imperfeita no seu correto uso, não haverá espaço para o “despojamento” gerador de uma verdadeira Atenção, posto que este apego modifica o objeto segundo a vontade do sujeito conhecedor.

Esta imperfeição, a meu ver, é o apego à Igreja como a uma pátria terrestre. Ela é de fato para o senhor (Pe. Perrin), ao mesmo tempo que um laço com a pátria celeste, uma pátria terrestre. O senhor vive nela em uma atmosfera humana calorosa. Isto supõe um pouco de apego quase inevitável.⁶

Somente o desapego pode gerar a perfeição do contato místico com Cristo; toda imperfeição procede de um apego que delimita a Verdade. É o próprio amor de Cristo, ou melhor, é o próprio Cristo, que, habitando numa alma, a faz participante de seu Corpo⁷ e lhe dá a Verdade de sua Presença. Esta Verdade do contato amoroso se dá pela Presença do Amado e não pela palavra da “praça pública” que ao mesmo tempo que revela também vela sob a trama do discurso a presença do transcendente. O conhecimento de Deus é totalmente

6 ED, p. 79.

7 “A imagem do Corpo Místico de Cristo é muito sedutora. Porém olho a importância que se dá, hoje em dia, a esta imagem, como um dos sinais mais graves de nossa decadência, porquanto nossa verdadeira dignidade não é de ser parte de um corpo, seja ele místico, seja ele o de Cristo. Ela consiste nisto: que nos estado de perfeição, que é a vocação de cada um, não vivamos mais em nós mesmos, senão que Cristo viva em nós; de maneira que por esse estado, Cristo em sua integridade, em sua unidade indivisível, se torna, em um sentido, cada um de nós, como Ele é todo inteiro em cada hóstia. As hóstias não são parte de seu corpo.” ED, p. 61.

gratuito, Ele é quem se dá a conhecer, e isto diferencia substancialmente a mística da ascética, enquanto a primeira é dom da Graça de Deus, a segunda é um esforço do homem para purificar-se. O conhecimento de Deus, o contato místico, não é visto por Simone Weil como um consolo;⁸ ao contrário, é uma luz que se lança sobre toda a vida do homem, fazendo-a compreender a ‘desgraça’ na sua estreita relação com a ‘graça’, o “malheur” como possibilidade de um real contato com a Verdade encarnada. Só a presença do Amor é que lhe fará entrar na realidade concreta, assumindo a vida operária na sua dimensão de sofrimento e necessidade, não como uma especulação do sentimento alheio, mas pela união com aqueles que sentem na carne a marca da escravidão. É justamente aqui que a religião assume uma dimensão de “re-ligare”, quando, além de unir o homem a Deus (dimensão vertical), lança-o na direção do outro, no contato com a realidade como necessidade (dimensão horizontal). O que importa mesmo é o contato que se tem com Deus⁹, seja ele uma alegria ou uma pura experiência da ‘desgraça’ presente na realidade; ambos possibilitam o conhecimento da Verdade, desde que se esteja na disponibilidade de quem espera atenciosamente o que virá.

Simone Weil proporá uma santidade totalmente nova, no sentido de não estar ligada a uma instituição, uma santidade que supõe a universalidade do amor de Cristo testemunhado na busca da Verdade dentro das próprias necessidades do mundo. Como ela própria dizia, para estes novos tempos requer-se uma nova santidade,¹⁰ uma santi-

8 “O conhecimento desta presença de Deus não consola, não ameniza a horrível amargura da desgraça, não cura a mutilação da alma. Porém se diz de uma maneira certa que o amor de Deus por nós é a substância mesma desta amargura e desta mutilação.” ED, p. 71.

9 “Diz-se que, quando a alegria é a doçura do contato com o amor de Deus, a desgraça é a ferida do mesmo contato quando é doloroso, mas o que importa é o contato em si e não a modalidade em que ocorre.” ED, p. 70.

10 “Vivemos numa época completamente sem precedentes, e na presente situação, a universa-

dade que deriva de uma correta Atenção ao mistério, permitindo o contato com o transcendente, que mais que contemplação é ação à luz da Verdade e do Bem.

Não se pode dizer que a religião em si é má, mas o apego que se tem a ela é totalmente danoso para a frutificação da Verdade numa alma. Simone Weil diz, comparando a religião com a prática da recitação do nome do Senhor, que a religião deve transformar a alma e zelar por esta virtude que lhe é própria, “a virtude de salvar a quem quer que a ela se entregue com este desejo.”¹¹ A religião tem o valor de um alimento, um alimento espiritual que permite àquele contato com a Verdade por meio da oração, ou melhor, quando a religião permite a verdadeira Atenção¹², esta é já uma verdadeira oração.¹³ Assim, a religião deve ser aquela que favorece o ‘contato amoroso’ com o Cristo – que é a Verdade, e não ser geradora de uma ilusão que ordene o pensamento coletivo, posto que, como instituição, ela pode gerar um certo tipo de idolatria social.

Se, de um lado, Simone Weil deseja salvaguardar a completa liberdade da inteligência, tanto para aceitar quanto para negar Deus, ela reconhece também que a religião tem relação com o amor e não com a afirmação ou negação de Deus.¹⁴ A inteligência tem a função prope-

lidade que podia antes estar implícita, deve ser mantida plenamente explícita. Ela deve impregnar a linguagem e todas as maneiras do ser. Hoje em dia nada significa ser um santo; é necessária a santidade que o momento exige, uma santidade nova, também sem precedentes.” ED, p. 81.

11 ED, pp.173-174.

12 “A Atenção de Simone é uma corda esticada entre o amor pela verdade e a recusa das ilusões. O importante para ela é manter a bússola bem orientada para um horizonte indeterminado, com a inteligência pronta a traduzir o desconhecido em conhecido, sabendo apenas ter de estar em oposição a toda evocação ilusória.” NICOLA, Giulia Paola di, DANESE, Attilio. **Abismos e Ápices – Percursos espirituais e místicos em Simone Weil**. Trad. Orlando Soares Moreira. São Paulo: Edições Loyola. 2003. p.153.

13 “Uma religião se conhece no interior. Os católicos o dizem do catolicismo, mas isto é verdade para toda religião. A religião é um alimento. É muito difícil apreciar por um olhar o sabor e o valor alimentício de um alimento que jamais se provou.” ED, p.175.

14 NICOLA, Giulia Paola di, DANESE, Attilio. **Abismos e Ápices – Percursos espirituais e**

dêutica, como aquela que prepara a alma mediante uma verdadeira Atenção para a adesão à Verdade; por isso a inteligência move-se no mundo das contradições, estas que possibilitam o amadurecimento da fé no nível intelectual. Assim, a inteligência é preparadora de uma adesão que só será completa no âmbito religioso pelo amor¹⁵, pela fé, pela espera e disponibilidade ao que virá penetrar a alma. Os mistérios da fé são compreensíveis na ordem do amor¹⁶, o amor é este conhecimento sobrenatural de uma verdade que ultrapassa o homem e que, no entanto, o habita como sua melhor morada.

É no Amor sobrenatural que se realiza a *coincidentia oppositorum*, a união verdadeira entre a fé e a razão num plano superior, ou seja, numa dimensão mística. “A contradição atinge seu cume e sua solução na Encarnação, quando os opostos se unificam na pessoa do Cristo”,¹⁷ a humanidade e a divindade numa única pessoa. Assim, a religião, quando possibilita que este Amor sobrenatural penetre a alma do homem, assume a função de ‘re-ligare’, fazendo a ‘Encarnação’ acontecer mais que em palavras, mas na realidade concreta com toda sua carga de necessidade e faticidade. Todas as contradições se harmonizam quando a inteligência assume a função de preparar o consentimento nupcial a Deus e a religião torna-se o espaço privilegiado de

místicos em Simone Weil. Trad. Orlando Soares Moreira. São Paulo: Edições Loyola. 2003. p.163.

15 “Cabe à inteligência e à consciência de cada um progredir até o ponto em que a entrega de si à verdade é amor e não abdicação. A capacidade de se ultrapassar é garantia de uma verdadeira inteligência; o respeito da liberdade é garantia de uma verdadeira religião.” Idem, *Ibidem*, p.165.

16 “(...) os mistérios da fé não são objeto da inteligência, de modo que ela possa afirmá-los ou negá-los. Mas são acessíveis à linguagem do amor: ‘Não são da ordem da verdade, mas acima. A única parte da alma humana capaz de um contato real com eles é a faculdade do amor sobrenatural.(...) O papel das outras faculdades da alma, a começar pela inteligência, é somente o de reconhecer que aquilo com que o amor sobrenatural tem contato são realidades; que essas realidades são superiores a seus objetos; e de fazer silêncio, assim que o amor sobrenatural desperta efetivamente na alma.” Idem, *Ibidem*, p.164.

17 Idem, *Ibidem*, p.165.

contato com o sagrado, pois o amor é o que une todas as aparentes contradições num plano mais elevado.

Do que dissemos, realçamos que a religião como 're-ligare' realiza a união autêntica que se dá num plano superior, onde a inteligência não é aniquilada, mas saciada pelo amor¹⁸. Este amor é o Conhecimento Sobrenatural que possibilita ao homem uma vivência harmoniosa com os contrários e no nível da Atenção torna-se uma tensão entre a contemplação e ação, reclamando um amor encarnado na realidade e vivido com a máxima disponibilidade na espera da Verdade e do Bem. Aliás, o espírito da vida religiosa deve conservar em si o desejo profundo da Verdade, que é o único capaz de conduzir ao encontro com o Bem e com o Cristo encarnado e crucificado.

REFERÊNCIAS

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **Simone Weil: A força e a fraqueza do amor**. Rio de Janeiro: RJ. Rocco, 2007. 338p.

NICOLA, Giulia Paola Di, DANESE, Attilio. **Abismos e Ápices: Percursos espirituais e místicos em Simone Weil**. Trad. Orlando Soares Moreira. São Paulo: Edições Loyola. 2003. 309p.

REVILLA, Carmen (ed). **Simone Weil: descifrar el silencio del mundo**. Madrid: Editorial Trotta, 1995. 134p.

VETÖ, Miklos. **La metafísica religiosa di Simone Weil**. Trad. Giuseppe Giaccio. Casalecchio (BO): Arianna Editrice, 2001. 197p.

WEIL, Simone. **Espera de Deus. (ED)** Trad. da editora. São Paulo: ECE editora, 1987. 240p.

18 Idem, *Ibidem*, p.165.